

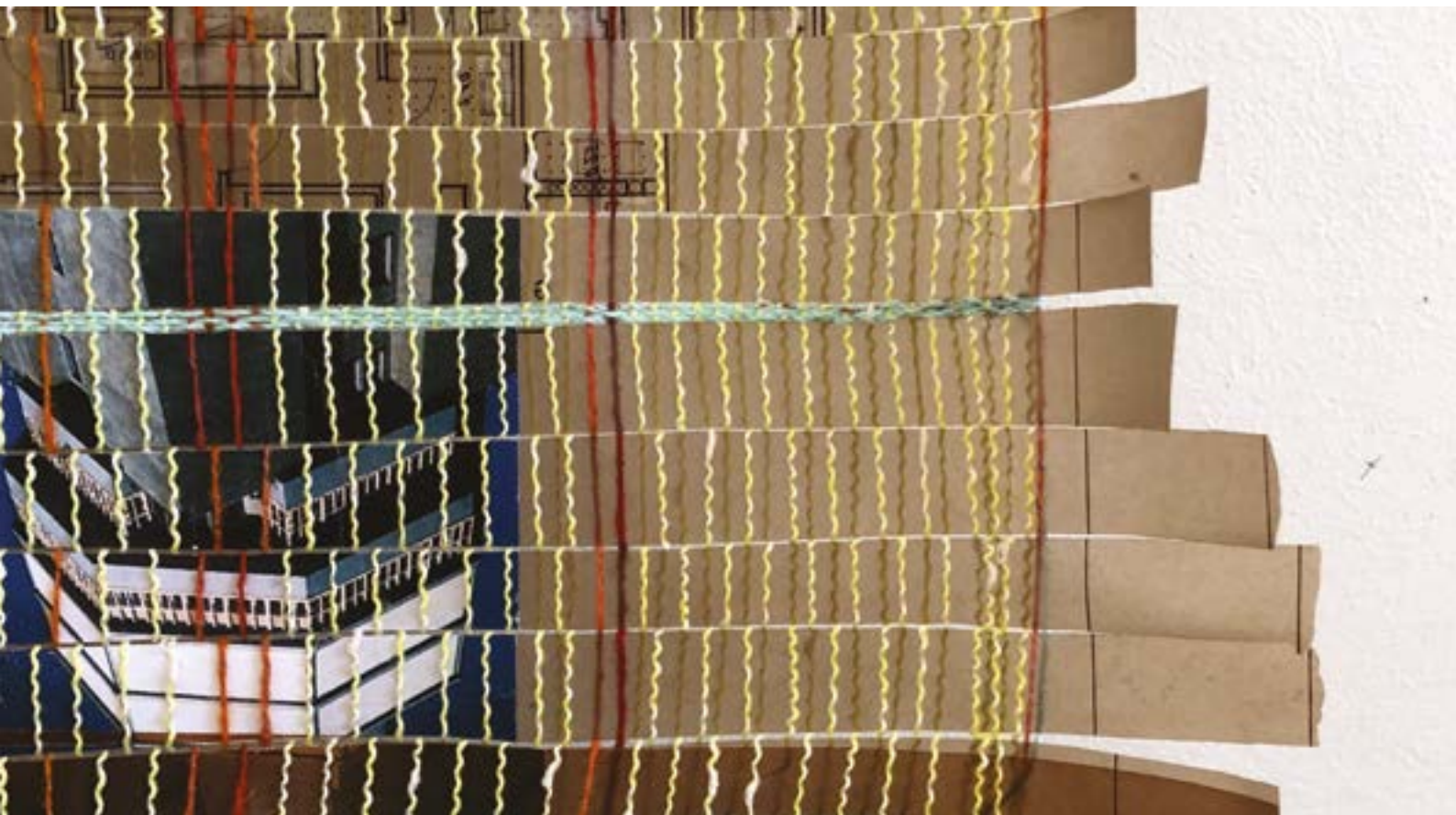
30 SET 23 — 25 FEV 24

30 ANOS
1993
2023

CASADACERCA

Centro de Arte
Contemporânea

Contemporary
Art Centre



Maria Appleton

A MEMBRANA DE SEDIMENTAÇÃO

O trabalho de Maria Appleton funde conceitos como informação, memória e experiência espacial em tapeçarias que refletem sobre a interação entre o passado e o presente, e sobre a presença dominante da informação. São ecrãs, membranas de sedimentação de memórias individuais e de experiências coletivas de habitar a nossa realidade contemporânea.

Em cada tapeçaria, a Appleton tece um conjunto diferente de elementos, como camadas geológicas, onde diferentes tempos se sobrepõem. Tal como os estratos da Terra revelam a história do nosso planeta, os seus "ecrãs" revelam as camadas da nossa memória pessoal e colectiva, estruturas dentro de uma estrutura. O arquivo de desenhos de engenharia do seu avô, postais, as suas próprias fotografias, recordações de viagens passadas, fotografias que circularam nos meios de comunicação social e até anúncios de automóveis, são todos materiais de trabalho. Esta amálgama de diversas fontes visuais e textuais e de diferentes épocas cria uma narrativa complexa que transcende a mera autobiografia.

Confrontando a profunda interação entre memória e informação, Appleton convida-nos a contemplar a forma como as nossas recordações pessoais se sobrepõem às correntes mais amplas da memória colectiva.

Numa época em que a informação permeia todos os aspectos das nossas vidas, tanto em formas físicas como digitais, Appleton tenta captar refletir sobre esta paisagem em constante evolução e saturada de dados. Tudo, na sua essência, é informação. Mesmo que a estrutura das coisas possa ser destruída e remontada, a base fundamental permanece como informação. Esta informação ocupa um espaço físico, um lembrete de que, mesmo quando os nossos dados residem no domínio digital ou "na

nuvem", continuam a ocupar uma pegada tangível no nosso mundo. Estes sistemas inevitáveis de informação - social, cultural, intelectual - formam a intrincada teia da nossa experiência colectiva.

A utilização de imagens no trabalho de Appleton convida-nos a contemplar a natureza fragmentada da memória. Tal como as nossas recordações são muitas vezes uma colagem de imagens - algumas reais, outras ficcionadas, de diferentes períodos de tempo -, as suas tapeçarias desconstróem e reconstróem elementos visuais, de alguma forma semelhantes a uma motherboard. O seu trabalho torna-se um recipiente para a convergência de experiências individuais e partilhadas.

A diluição e desconstrução de imagens na estrutura das suas tapeçarias torna-se uma metáfora da diluição das estruturas arquitectónicas (e sociais) que habitamos. Tal como a era digital esbate as fronteiras entre espaços físicos e virtuais, a obra de Appleton esbate as linhas entre o tangível e o intangível, entre a memória e a informação.

Criadas especificamente para a Cisterna da Casa da Cerca, estas peças foram pensadas para nos envolver enquanto espetadores, para nos submergir numa experiência imersiva, nas intrincadas camadas de significado e memória das tapeçarias, encorajando-nos e desafiando-nos a refletir sobre a forma como as nossas memórias estão simultaneamente fragmentadas e interligadas, e como construímos as nossas perspectivas através dos fios das nossas próprias experiências.

As obras de Maria Appleton podem ser vistas como espaços liminares, armazenando peles. Fazem a ponte entre o tangível e o intangível, o passado e o presente, o pessoal e o coletivo.

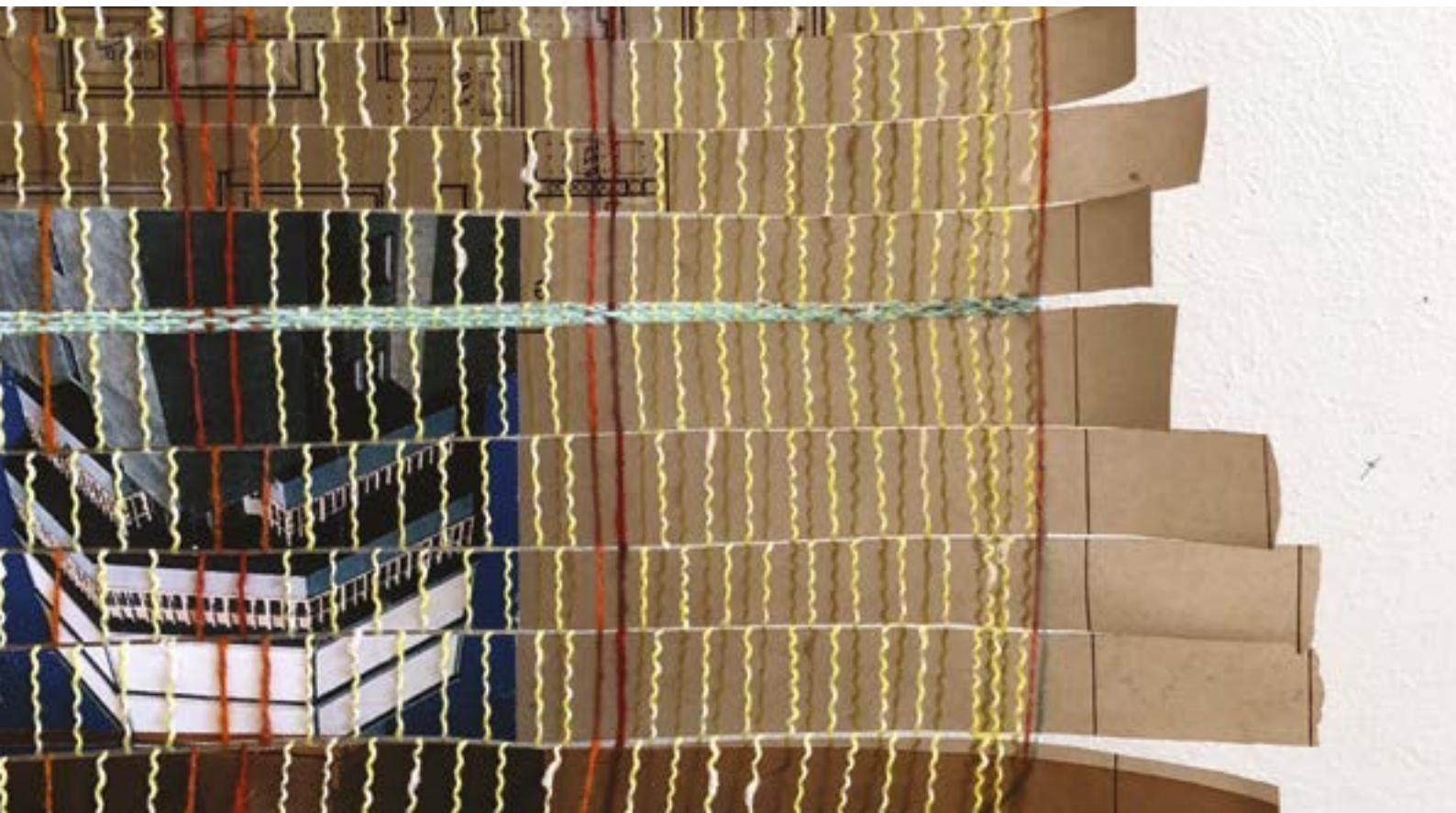
30TH SEPT 23 — 25TH FEB 24



CASADACERCA

Centro de Arte
Contemporânea

Contemporary
Art Centre



Maria Appleton

THE STORING SKIN

Maria Appleton's work fuses concepts such as information, memory and spatial experience in tapestries that reflect on the interaction between the past and the present, and on the dominating presence of information. They are screens, membranes that sediment individual memories and collective experiences of inhabiting our contemporary reality.

In each tapestry, Appleton weaves a different set of elements, like geological layers, where different times overlap. Just as the Earth's strata reveal the history of our planet, her "screens" reveal the layers of our personal and collective memory, structures within a structure. His grandfather's archive of engineering drawings, postcards, his own photographs, memories of past trips, photographs circulated in the media and even car advertisements are all working materials. This amalgamation of diverse visual and textual sources from different eras creates a complex narrative that transcends mere autobiography.

Confronting the profound interaction between memory and information, Appleton invites us to contemplate how our personal memories overlap with the broader currents of collective memory.

At a time when information permeates every aspect of our lives, in both physical and digital forms, Appleton attempts to capture and reflect on this constantly evolving, data-saturated landscape. Everything, in essence, is information. Even though the structure of things can be destroyed and reassembled, the fundamental basis remains information. This information occupies a physical space, a reminder that even when our data resides in the digital realm or "in the cloud", it continues to occupy a tangible footprint in our world. These inescapable

systems of information - social, cultural, intellectual - form the intricate web of our collective experience.

The use of images in Appleton's work invites us to contemplate the fragmented nature of memory. Just as our memories are often a collage of images - some real, some fictionalized, from different time periods - her tapestries deconstruct and reconstruct visual elements, somewhat like a motherboard. Her work becomes a container for the convergence of individual and shared experiences.

The dilution and deconstruction of images in the structure of her tapestries becomes a metaphor for the dilution of the architectural (and social) structures we inhabit. Just as the digital age blurs the boundaries between physical and virtual spaces, Appleton's work blurs the lines between the tangible and the intangible, between memory and information.

Created specifically for Casa da Cerca's Cistern, these pieces are designed to engage us as viewers, to immerse us in an immersive experience, in the tapestries' intricate layers of meaning and memory, encouraging and challenging us to reflect on how our memories are both fragmented and interconnected, and how we construct our perspectives through the threads of our own experiences.

Maria Appleton's works can be seen as liminal spaces, storing skins. They bridge the gap between the tangible and the intangible, the past and the present, the personal and the collective.